8 - Novos letramentos e narrativas as vozes das mulheres do Pontal da Barra

Alessandra Ramos dos Santos Miranda

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MIRANDA, A. R. S. Novos letramentos e narrativas: as vozes das mulheres do Pontal da Barra. In: AZEVEDO, I. C. M., ed. *Práticas dialógicas de linguagem: possibilidades para o ensino de língua portuguesa* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2018, pp. 165-189. ISBN: 978-85-7455-494-5. <https://doi.org/10.7476/9788574554945.0008>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

8

NOVOS LETRAMENTOS E NARRATIVAS: AS VOZES DAS MULHERES DO PONTAL DA BARRA

Alessandra Ramos dos Santos Miranda¹

Universidade Federal de Alagoas

Introdução

Este artigo se propõe a discutir as contribuições das narrativas de um grupo de mulheres integrantes da Associação de Mulheres Bordadeiras do Pontal da Barra para o desenvolvimento de um projeto de extensão que visa desenvolver um trabalho de leitura e escrita voltado para o contexto de trabalho das associadas².

O Pontal da Barra é considerado um bairro turístico do Estado de Alagoas. É conhecido nacionalmente devido à produção e comercialização de seu típico artesanato: *filé*. A atividade artesanal do filé ocupa a maioria da população local e, por isso, confere ao bairro uma singularidade. As diversas associações que existem na comunidade, relacionadas à produção dessa renda, apresentam várias dificuldades de se organizar no desenvolvimento de suas atividades comerciais devido aos problemas de comunicação. Observa-se certa alienação do potencial de trabalho, dificuldades nas

1 Aluna do curso Letras-Português, sob orientação da Prof.^a D.ra Andréa da Silva Pereira, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Registro no CNPq/ nº 8486469439813919. E-mail: <alessandrarmiranda@hotmail.com>.

2 Também conhecidas como bordadeiras ou rendeiras do Pontal da Barra.

negociações das comissões sobre as vendas, problemas na gestão do trabalho e falta de noção de coletividade.

O projeto teve como metas a educação para a mobilização social com vistas a melhorias no trabalho e na vida social, a colaboração para a construção da identidade local da Comunidade do Pontal e a introdução de novos usos da escrita no contexto social local. Com esse propósito, foram realizadas oficinas de letramento, baseadas nos pressupostos teórico-metodológicos dos Novos Letramentos, do Grupo Nova Londres, e na Pesquisa Etnográfica visando à promoção de novos usos da escrita por parte das integrantes voltados para o contexto de trabalho da Associação.

No decorrer das atividades de letramento desenvolvidas no projeto extensionista, no primeiro semestre de 2013, dois problemas no contexto da Associação foram identificados. Em primeiro lugar, observou-se um silenciamento das vozes³ das integrantes durante as oficinas de letramentos voltadas para o contexto de trabalho, que pode ser considerado fruto de políticas linguísticas excludentes e preconceituosas que têm se instaurado em nossa sociedade. Em segundo lugar, constataram-se problemas de relação de poder instaurados na Associação. Havia a existência de relações discursivas assimétricas entre a líder e as associadas. A voz da líder prevalecia na maioria das situações enunciativas coletadas durante a pesquisa, silenciando a voz das outras integrantes. Além disso, a presidente acumula funções que, via de regra, são incompatíveis: a de associada e a de lojista.

Partindo do pressuposto de que o uso da linguagem permite aos sujeitos se constituírem como portadores de vozes sociais, os resultados iniciais da primeira fase do trabalho extensionista mostra-

3 As vozes sociais, de acordo com a concepção dialógica da linguagem, na perspectiva bakhtiniana, são os posicionamentos linguístico-discursivos dos sujeitos diante de determinados valores sócio-ideológicos circulantes nas comunicações verbais.

ram a necessidade de realizar a presente investigação⁴, que pretende se ocupar do primeiro problema de pesquisa derivado do projeto extensionista, a saber: o *silenciamento* das vozes das integrantes da Associação durante as oficinas de letramento voltadas para o contexto de trabalho⁵. O objetivo geral desta pesquisa busca resgatar a voz das bordadeiras e reconstruir a sua história local, trazendo-lhes a noção de identidade e de coletividade por meio da escuta de suas vozes. Como objetivos específicos, busca-se, por meio de uma abordagem etnográfica, a) ouvir e registrar as narrativas de vida das mulheres da Associação; b) reconstruir a história local e c) resgatar a identidade do bairro.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa. A investigação das narrativas ocorrerá a partir da abordagem dialógico-discursiva de inspiração bakhtiniana combinada à abordagem etnográfica.

Para a realização da análise dialógico-discursiva, busca-se aporte nos conceitos de *referenciação e refração* do signo linguístico proposto por Bakhtin, os quais serão explicitados na seção teórica a seguir, que concebe a linguagem como essencialmente ideológica e sócio-histórica.

4 Esta pesquisa faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC – Novos Letramentos, Narrativas e História Local - referente aos anos de 2013-2014, que foi desenvolvida sob a orientação da Prof.^a Dra. Andréa da Silva Pereira, da Faculdade de Letras – FALÉ – da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. O projeto recebeu a colaboração de duas bolsistas graduandas da UFAL: Danielly Bezerra dos Santos e Alessandra Ramos dos Santos Miranda. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFAL – CAAE: 17168314.2.0000.5013.

5 O segundo problema de pesquisa derivado do projeto extensionista, a saber, as relações de poder existentes no contexto da Associação, constitui a investigação da segunda pesquisa, realizada pela estudante Danielly Bezerra dos Santos, que compõe o projeto PIBIC Novos Letramentos, Narrativas e História Local.

Concepção de linguagem bakhtiniana: operações de referenciação e refração

A noção teórica de base eleita para o desenvolvimento deste trabalho é a do signo ideológico, tal como propõem Bakhtin/Voloshínov:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico (BAKHTIN e VOLOSHÍNOV, 1995 [1929], p. 36).

Segundo essa concepção, a língua – conjunto de signos plurivalentes e heterogêneos – é constituída pelas ideologias que circulam no meio social. A palavra concebida enquanto signo é considerada “o fenômeno ideológico por excelência”, já que “é o modo mais puro e sensível da relação social” (BAKHTIN e VOLOSHÍNOV, 1995 [1929], p. 36). Ela é repleta de valoração apreciativa em virtude de seu conteúdo ideológico. É por meio dela que há, por parte do sujeito, uma tomada de posição axiológica através do ato de enunciação, que é sempre uma atitude responsiva por parte do interlocutor.

Considerada como signo ideológico, a palavra passa por duas operações simultâneas no processo de referenciação da comunicação verbal: a de reflexão e a de refração. Na operação de reflexão do signo linguístico, o sujeito descreve a realidade, na de refração, ele a interpreta. Nessa operação de interpretação, os enunciados são repletos de índices de valor sociais e ideológicos que se manifestam nas relações dialógicas durante o processo de interação verbal.

A operação de refração do signo linguístico pode ser compreendida por meio da relação metafórica que podemos estabelecer com o processo de refração da luz, explicitado pela Física, de acordo com a interpretação da imagem a seguir:

FIGURA 1 – Imagem da refração da luz

Fonte: Google imagens⁶.

O processo da refração da luz, segundo a Física, é o fenômeno em que ela, a luz, é transmitida de um meio para outro, que lhe é diferente. Nessa mudança de meio, a frequência da onda luminosa não é alterada; ocorre mudança na sua velocidade e no seu comprimento. Com essas alterações da velocidade de propagação, acontece um desvio da direção original⁷. Tal como pode ser obser-

6 Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=refra%C3%A7%C3%A3o+da+luz&biw=1024&bih=489&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=I8N3VM_PN-senNoDjgNAH&ved=0CAcQ_AUoAg#facrc=_&imgdii=_&imgsrc=phoooZsJXeJ-JUM%253A%3BqbYEiSs5f9342M%3Bhttp%253A%252F%252Falfaconnection.net%252Fimages%252Ffluz020217a.gif%3Bhttp%253A%252252Falfaconnection.net%252Fpag_avsf%252Ffluz0202.htm%3B296%3B220> . Acesso em 27/11/2014.

7 Disponível em: <http://www.sofisica.com.br/conteudos/Otica/Refracaodaluz/leis_de_refração.php>. Acesso em 27/11/14.

vado na imagem anterior, a refração da luz ocorre, considerando a incidência do raio de luz sobre dois meios: no meio A (vácuo) e no meio B (1). Quando a onda incide sobre o meio A não ocorre a decomposição do raio de luz, porém, quando atravessa o meio B, o raio de luz se decompõe em vários outros.

Esse mesmo processo, metaforicamente, ocorre na refração do signo linguístico, conforme proposto por Bakhtin e pelo Círculo. No processo de reflexão (tal como ocorre no meio A, da refração da luz) não há dispersão, neste caso, semântica, do que está sendo descrito pelo sujeito no processo de referenciação verbal, mas no processo de refração (tal como o desvio das ondas que ocorre na refração da luz no meio B), há a propagação de sentidos dos fatos referenciados, por meio da interpretação que é realizada no ato de enunciação, devido à tomada de posição axiológica pelo sujeito. Dessa forma, em função da dispersão semântica que ocorre no processo de refração, é possível encontrar os posicionamentos existentes no discurso, ou seja, a(s) avaliação(ões) ideológica(s) do sujeito ali existentes.

No campo do discurso, *o processo de refração* apresenta uma *tensão ou conflito* com o que foi ou está sendo refletido no processo de referenciação verbal, já que “em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN e VOLOSHÍNOV, 1995 [1929], p. 46).

Essa concepção de linguagem essencialmente ideológica, segundo a qual não é possível significar sem refratar, é de fundamental importância para a realização desta investigação, já que se busca, através da análise dialógico-discursiva que será realizada nos registros gerados por esta pesquisa, resgatar as vozes das bordadeiras, ou seja, os posicionamentos valorativos existentes em seus discursos. Dessa forma, busca-se compreender o *silenciamento discursivo* das integrantes observado durante as oficinas de letramento voltadas para o contexto de trabalho da Associação.

Procedimentos de geração de registros

Na vasta literatura existente sobre a abordagem etnográfica de pesquisa qualitativa em Ciências Humanas, é comum encontrar o termo *coleta de dados*. No âmbito desta investigação, busca-se a obtenção de dados da pesquisa a partir dos “procedimentos de geração de registros”, termo utilizado por Fritzen (2012). A autora ressalta que:

Ao fazer opção pela expressão “geração de registros” em vez de coleta de dados, sigo os pressupostos teórico-metodológicos de Mason (1996), Erickson (1986) e Cavacanti (2001), que entendem que o pesquisador não vai a campo para meramente colher dados, como se eles estivessem prontos, à sua espera. Ele gera registros, uma vez que sua presença em campo não é neutra e suas escolhas refletem sua posição epistemológica (FRITZEN, 2012, p. 59).

Dessa forma, a geração de registros pressupõe que os dados não estão à espera do pesquisador, mas são construídos discursivamente por meio de sua interação no contexto de investigação. Isso é possível porque “os procedimentos metodológicos da etnografia prevêm a inserção do pesquisador no campo, como observador participante, permanente e reflexivo, ouvindo, vendo o que acontece nesse meio” (FRITZEN, 2012, p. 59). Dessa maneira, o pesquisador poderá gerar os registros a partir de suas observações e reflexões constantes sobre o que realmente está acontecendo no contexto de investigação.

Na busca pela construção de sentidos, a pesquisa etnográfica elege a utilização de alguns instrumentos, tais como: o uso de diários, entrevistas, gravações em áudio ou em vídeos, entre outros. Nesta pesquisa, os instrumentos etnográficos utilizados nos procedimentos de geração de registro serão explicitados a seguir.

Diário do pesquisador

Durante a pesquisa, o diário do pesquisador foi utilizado para as anotações das observações realizadas durante o contato com a comunidade. Essa escolha se deu em virtude das funções que o diário possui. De acordo com Winkin (1998) apud Fritzen (2012), o diário possui 3 funções.

- a) **Função catártica (ou emotiva):** em que o diário seria o lugar do “corpo a corpo” do pesquisador consigo mesmo, “ante o mundo social estudado”.
- b) **Diário empírico:** ressalta a necessidade de, num primeiro momento, o pesquisador anotar tudo o que chamar sua atenção durante as sessões de observação.
- c) **Função reflexiva e analítica:** o autor sugere que o pesquisador releia regularmente seus escritos e faça anotações. Com essa prática, aos poucos o pesquisador verificará o surgimento de regularidades (*patterns*), isto é, “recorrências comportamentais que nos levam a falar em termos de regras”.

Essas funções tornam o diário um instrumento necessário no trabalho de campo em virtude da imprescindibilidade da consulta constante às anotações e às impressões ali contidas por parte do pesquisador, para a continuidade do processo reflexivo. No âmbito desta pesquisa, o diário se constituiu como um instrumento de grande importância, tendo em vista que foram feitas várias anotações, inclusive de conversas informais com moradores visando à compreensão e ao conhecimento mais amplo acerca da comunidade.

Entrevistas semiestruturadas

A entrevista se constitui como um instrumento que contribui no processo de geração de registro na pesquisa etnográfica, tendo em vista que “gravações de áudio ou vídeo podem configurar também importante ferramenta para descortinar características ou

padrões/regularidades que envolvem a ecologia do contexto local” (FRITZEN, 2012, p. 61).

Devido ao silenciamento discursivo observado durante as oficinas de letramento, surgiu a necessidade de ouvir as associadas. Para isso, foram organizadas as entrevistas, as quais foram realizadas de maneira informal. Esse tom mais informal nas entrevistas foi possível porque a metodologia de pesquisa etnográfica possibilita uma grande aproximação entre o pesquisador e a comunidade investigada, devido à relação de convivência que é estabelecida durante a pesquisa.

As entrevistas com as bordadeiras aconteceram na metade do processo do trabalho de extensão, no semestre 2013.2, após seis meses de convivência semanal com a comunidade. Inclusive, as associadas convidaram os pesquisadores a conhecerem suas residências e, por isso, as entrevistas se constituíram em uma conversa informal entre pessoas que já estavam convivendo. Logo, as relações de poder institucionalizadas historicamente entre pesquisador e sujeito pesquisado foram minimizadas.

As entrevistas foram compostas por perguntas variadas que possibilitaram, pelas respostas das associadas, a obtenção de mais conhecimento acerca de suas relações pessoais, familiares, escolares e culturais, ou seja, de alguns aspectos identitários. No Quadro 1, encontra-se o roteiro utilizado nas entrevistas, que contiveram a duração de, aproximadamente, trinta minutos.

QUADRO 1 – Roteiro utilizado durante as entrevistas com as bordadeiras

Qual o seu nome, local de nascimento, idade, filiação e origem (migrantes ou não migrantes) ?

Há parentes vivendo no Pontal?

Desde quando você mora no Pontal e qual sua memória sobre o bairro/vila?

E de que forma você ou seus parentes estão ligados ao Pontal?

Você é casada, tem filhos?

Quais as atividades de cada um?

O que fazem nas horas vagas: TV, computador, conversar, etc. (aqui estamos interessados na cultural oral).

Possui hábitos de leitura? Quais?

Como é sua vida? (Procurar saber como avalia a vida nos vários aspectos: profissional, pessoal, familiar etc.)

E a escola? Fale sobre sua vida escolar. (Queremos saber seu histórico escolar e qual a importância da escola – instituição – e da escolaridade que tem ou desejaria ter e também para seus filhos).

Você faria curso do EJA? Por quê?

Do que você sente falta, com relação aos saberes escolares?

Quais saberes (letramentos) não escolares você valoriza? Como os aprendeu? (Estamos aqui tentando adentrar nos letramentos valorizados e nos não valorizados, para verificar a proximidade da escola com a comunidade).

Transcrições das entrevistas

Logo após a realização das entrevistas com as bordadeiras, todas foram gravadas em áudio, passamos para a etapa das transcrições das narrativas de acordo com a Análise da Conversação, doravante AC, mais especificamente com a metodologia utilizada pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta – NURC/SP visando à realização da análise dialógico-discursiva de perspectiva bakhtiniana da linguagem na materialidade textual do *corpus* obtido.

É importante ressaltar que foi tomado o devido cuidado com a retextualização da oralidade durante as transcrições, já que, conforme nos alerta Fritzen (2012, p. 63), “o modo como a fala dos sujeitos é transcrita pode levar a acentuar o preconceito linguístico

já existente e influenciar nas representações desses grupos, em geral já marginalizados”. Dessa forma, buscou-se realizar as transcrições das narrativas tomando os cuidados para não “reforçar a assimetria e hierarquização existente entre as línguas e camuflar os conflitos linguísticos” (Ibidem).

Análise dos dados

Após as transcrições das entrevistas, foi iniciada a análise dialógico-discursiva do *corpus* obtido: as narrativas. Inicialmente, foi realizado o levantamento de temas recorrentes nas narrativas das bordadeiras. Dois temas se destacaram: a *atividade do filé como tradição* e a *atividade do filé como trabalho*. Feito isso, iniciou-se a análise, buscando verificar como se davam as duas operações – referência/refração – por meio da análise dialógico-discursiva, conforme o Quadro 2.

QUADRO 2 – Temas recorrentes nas narrativas das sete bordadeiras

Temas	Voz (es) social (is)	Materialidade textual
Atividade do filé como tradição	Busca: Posicionamentos ideológicos	<p><i>Corpus</i> de Análise: narrativas ↓ Categorias de análise: dois grupos</p> <p>Signo ideológico: operações de referência/refração Categorias linguísticas; interativas da modalidade oral, enunciativas, não verbais e discursivas.</p>

Processos de referenciação e refração: resgatando as vozes sociais das bordadeiras

Tendo em vista o *silenciamento discursivo* das bordadeiras observado durante as oficinas de letramento voltadas para o contexto de trabalho da Associação, como já foi citado anteriormente neste trabalho, surgiu a necessidade de ouvir as associadas. Por isso, foram realizadas as entrevistas para que fosse possível, através do resgate de suas vozes, a compreensão dessa postura observada durante as atividades de letramento. Essa necessidade atende ao objetivo geral desta pesquisa, que busca resgatar a voz das bordadeiras e reconstruir a sua história local, trazendo-lhes a noção de identidade e de coletividade, por meio da escuta de suas vozes. A análise a seguir traz a emergência das vozes das associadas.

A atividade do filé como tradição do bairro: valoração apreciativa

A seguir, destacam-se alguns trechos das transcrições nos quais a temática da atividade do filé como tradição é abordada: [Trecho 1- R1]⁸ “a minha mãe também era rendeira e até hoje... isso aqui quem tá fazendo é ela ((mostra a rede com a renda)) [L1] e é... e você aprendeu com ela? [L2]. APRENDI com ela ((parece satisfeita)) [...] AQUI NA PRACINHA... a gente sempre fica na pracinha ou aí na porta...” [Trecho 2- R2] “APRENDI ASSIM FAZER FILÉ:: é uma coisa que eu valorizo muito... que eu não sabia de jeito nenhum... até quando eu trabalhava... eu falava pra mim mesmo ah:: eu nunca vou aprende:: ai néh:: aprendi:: ((expressão facial de satisfação)) [...] aprendi com minha filha... COM A MINHA FILHA E OUTRAS PESSOAS FAZENDO:: eita:: esse ponto ai eu não sei, me ensina...” [Trecho 3-R3] “... no caso esse daí da/ do bordado néh... que foi que veio já da minha mãe que já me

8 Para manter o sigilo dos nomes das entrevistadas, utilizamos a letra “R” significando rendeira (sinônimo de bordadeira). L1 na transcrição indica a fala da pesquisadora.

ensinou eu/ eu devo tudo isso aí a ela... é:: já fiz um curso de re::de... já dei o curso de rede pra alguns alunos... então me senti bem realizada néh... em saber que eu vou passando aquilo que minha mãe passou pra mim pra aquelas pessoas...”.

Nesses trechos, a tensão existente entre as operações de referência e refração permite flagrar a *valoração apreciativa do filé como tradição*. Veja-se: a) no nível interativo, destacam-se os seguintes elementos paralinguísticos: a *entonação* (ex: APRENDI, AQUI NA PRACINHA, APRENDI ASSIM FAZER FILÉ, COM A MINHA FILHA E OUTRAS PESSOAS FAZENDO); b) no nível não verbal (ex: as *expressões faciais de satisfação*, entre parênteses nas transcrições, observadas quando as bordadeiras falavam sobre como aprenderam o filé com suas mães, parentes ou amigos etc.); c) no nível linguístico-gramatical – o uso de *qualificadores e índices de avaliação* – (ex: “é uma coisa ((filé)) que eu *valorizo* muito...”; “então me *senti bem realizada* néh... em saber que eu vou passando aquilo ((filé)) que minha mãe passou pra mim pra aquelas pessoas...”).

Esses trechos revelam que as bordadeiras gostam e aceitam o filé enquanto tradição. Essa apreciação foi perceptível não só durante a realização das entrevistas, como também nos encontros com a comunidade, quando aconteciam as oficinas de letramento realizadas ao longo das atividades de extensão. As mulheres pareciam orgulhosas quando expressavam, com certo tom de afetividade, como aprenderam a tradição das rendas com suas mães, familiares ou amigos etc. Elas faziam questão de mostrar seus trabalhos para os pesquisadores e de explicar as etapas de confecção dos filés.

As análises também revelaram um segundo conjunto de trechos nos quais se pode identificar a circulação da mesma valoração apreciativa em relação à atividade de filé, entretanto, desta vez, misturada com uma valoração oposta. Veja-se a seguir: [Trecho 4 – R4] “((falando da ligação com as atividades tradicionais do bairro))... através do artesanato e da pesca... [...] é passatempo... não sobrevivem disso ((filé e pesca)) [...] porque a renda não dá... hoje em dia tem recursos melhores néh... ((parece insatisfeita)) [...] eu escolhi

mesmo... ser bordadeira néh... aprendi com minha mãe... quando tinha oito anos de idade...”; [Trecho 5 – R5] “eu aprendi com a minha mãe... minha mãe e minha irmã... E MINHA FILHA HOJE também sabe fazer filé que eu ensinei a ela... entendeu?... mas eu NÃO QUERO ela no filé não... quero ela estudando...”

Nesse segundo conjunto, as análises chamaram a atenção para o conflito das temáticas da atividade do filé como tradição e da atividade do filé como trabalho. Instaura-se nesse grupo a presença de uma valoração depreciativa em relação ao trabalho com o filé.

No discurso de R4, a) no nível não verbal: há a expressão facial de insatisfação destacada na transcrição; b) no nível linguístico/gramatical: a presença do operador argumentativo (ex: “porque a renda não dá”), e de qualificadores e índices de avaliação (ex: “é passatempo, hoje em dia tem recursos melhores néh”). Nota-se certo tom irônico na fala da bordadeira. Percebe-se que há uma insatisfação em relação à atividade do filé como forma de trabalho, já que ela é vista como “passatempo” e como uma renda insuficiente devido ao fato de se ter “recursos melhores” hoje em dia, como ela relatou. A tensão se revela quando ela ressalta que (ex: “eu escolhi mesmo... ser bordadeira néh... aprendi com minha mãe... quando tinha oito anos de idade...”). Dessa forma, nota-se que há um conflito no discurso, pois a atividade tradicional repassada pela mãe é valorizada, tanto que ela escolheu “ser bordadeira”, apesar de manifestar um posicionamento depreciativo do fazer filé como atividade profissional.

A mesma tensão se revela no discurso de R5, a) no nível interativo: veja-se as *informações paralinguísticas* – a entonação – (ex: “E MINHA FILHA HOJE”, “NÃO QUERO”); b) no nível linguístico-gramatical: a presença de *operadores argumentativos* – porque, mas – (ex: “E MINHA FILHA HOJE também sabe fazer filé *porque* eu ensinei a ela”, “*mas* eu NÃO QUERO ela no filé não”). Destaca-se a presença marcante da entonação, dos operadores argumentativos e da dupla negação: “mas eu NÃO QUERO ela no filé não”. Essa combinação de recursos sinaliza a tensão existente no discurso. A bordadeira, apesar de repassar a tradição para a filha,

não deseja que ela trabalhe de maneira alguma com a atividade do filé, pois prefere que a filha estude para obter melhores oportunidades, as quais, do ponto de vista da bordadeira, não estão relacionadas ao trabalho com o filé.

Nesses primeiros trechos analisados, há a apreciação valorativa do filé como tradição por parte das bordadeiras, porém, quando essa apreciação do fazer filé como tradição se relaciona com a prática do fazer filé como atividade de trabalho, surge outra tensão, indicando uma depreciação dessa atividade.

O Quadro 3 resume e detalha as categorias de análise utilizadas.

QUADRO 3 – Corpus para a análise: atividade do filé como tradição

PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO E REFRAÇÃO	
ATIVIDADE DO FILÉ COMO TRADIÇÃO ↓ Materialidade do texto	CATEGORIAS
R1: a minha mãe também era rendeira e até hoje... isso aqui quem tá fazendo é ela ((mostra a rede com a renda)) L1. e é... e você aprendeu com ela? L2. APRENDI com ela ((parece satisfeita)) [...] AQUI NA PRACINHA... a gente sempre fica na pracinha ou aí na porta...	Nível Interativo: Informações paralinguísticas (entonação). Nível não verbal: Expressão facial de satisfação.
R2: APRENDI ASSIM FAZER FILÉ:: é uma coisa que eu valorizo muito ... que eu não sabia de jeito nenhum... até quando eu trabalhava... eu falava pra mim mesmo ah:: eu nunca vou aprende:: aí néh:: aprendi:: ((expressão facial de satisfação)) [...] aprendi com minha filha... COM A MINHA FILHA E OUTRAS PESSOAS FAZENDO :: eita:: esse ponto aí eu não sei me ensina...	a) Nível linguístico - gramatical: Qualificadores e índices de avaliação: valorizo muito. b) Nível interativo: Informações paralinguísticas (entonação). c) Nível não verbal: Expressão facial de satisfação
R3: ...no caso esse daí da/ do bordado néh... que foi que veio já da minha mãe que já me ensinou eu/ eu devo tudo isso aí a ela ... é:: já fiz um curso de re::de... já dei o curso de rede pra alguns alunos... então me senti bem realizada néh... em saber que eu vou passando aquilo que minha mãe passou pra mim pra aquelas pessoas...	a) Nível linguístico - gramatical: Qualificadores e índices de avaliação: senti bem realizada/ verbos: devo tudo, vou passando. b) Nível interativo: Informações paralinguísticas (entonação). c) Nível não verbal: Expressão facial de satisfação.

(Continua)

PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO E REFRAÇÃO	
<p>R4: ((falando da ligação com as tradições do bairro))... através do artesanato e da pesca... [...] é passatempo... não sobrevivem disso [...] porque a renda não dá... hoje em dia tem recursos melhores néh... ((parece insatisfeita))</p> <p>[...] eu escolhi mesmo... ser bordadeira néh... aprendi com minha mãe... quando tinha oito anos de idade...</p>	<p>a) Nível linguístico - gramatical: Operador argumentativo: porque/ Qualificadores e índices de avaliação: passatempo, recursos melhores/ verbo: escolhi. ↓ (Tensão)</p> <p>b) Nível não verbal: Expressão facial de insatisfação.</p>
<p>R5: eu aprendi com a minha mãe... minha mãe e minha irmã... E MINHA FILHA HOJE também sabe fazer filé que eu ensinei a ela... entendeu?... mas eu NÃO QUERO ela no filé não... quero ela estudando...</p>	<p>a) Nível linguístico - gramatical: Operadores argumentativos: que, mas/ Qualificadores e índices de avaliação: não quero não (dupla negação). ↓ (Tensão)</p> <p>b) Nível interativo: Informações paralinguísticas (entonação).</p>

Em um terceiro conjunto de trechos, essa valoração depreciativa se intensifica e, por isso, dedicaremos a seguir um item para análise desse dado.

A atividade do filé como trabalho: valoração depreciativa

A seguir, destacam-se alguns trechos das transcrições nos quais a temática da *atividade do filé como trabalho* é abordada: [trecho 1 - R1]: “É uma rendinha a mais pra mim é bom que só porque eu tenho o meu::... MAS a rendinha dele também é bonzinho...”; [Trecho 2 – R2] “ah:: gostaria assim/ porque filé não dó muito/ assim filé/ num num é uma renda fixa néh... você hoje faz... é por temporada... aí se eu encontrasse assim um um:: trabalho de um um horário só... [...] eu estou realizada... agora eu to falando assim UM EXTRA NÉH SE TIVESSE... OUTRA ATIVIDADE ENTENDE?” ; [Trecho 3 – R3] “olhe... eu não vou dizer a você que eu GOSTO DE FAZER O FILÉ... EU GOSTO DE FAZER O FILÉ... mas assim se eu tiver OUTRA ATIVIDADE... porque assim:: eu acho que:: futuramente a gente tem que crescer profissionalmente néh... a gente não vai viver também só fazendo bordado... ((parece insatisfeita))”; [Trecho 4 – R4] “ ((falando do trabalho do filé)) ... por que hoje é um meio de sobrevivência néh...

onde eu tenho uma rendinha extra... E É UMA TERAPIA E PASSATEMPO...”; [Trecho 5 – R5] “((silêncio/pensativa)) assim::... PORQUE O FILÉ A GENTE FAZ FILÉ néh.... o filé néh... eu hoje me arrependo porque eu não terminei os meus estudos... porque eu poderia ter feito uma coisa melhor pra mim... PORQUE FILÉ É ASSIM... quer que eu seja sincero? ... a gente fa::z o filé::... mas não é um futuro...”.

A *valoração depreciativa* em relação à atividade do *filé como trabalho* pode ser observada por meio do destaque de algumas categorias de análises flagradas no discurso das bordadeiras, tais como: a) no nível linguístico-gramatical: há a presença de *operadores argumentativos*: porque, se, mas (ex: “mas assim se eu tiver OUTRA ATIVIDADE”; “porque eu poderia ter feito uma coisa melhor pra mim...”; “porque assim:: eu acho que:: futuramente a gente tem que crescer profissionalmente néh”; “a gente fa::z o filé::... mas não é um futuro...”); há a presença de *qualificadores apreciativos*: rendinha, bonzinho (ex: “porque eu tenho o meu::... MAS a rendinha dele também é bonzinho”; “rendinha extra”); o *léxico* utilizado: rendinha, passatempo, bonzinho, extra. b) no nível interativo: através de *informações paralinguísticas* – entonação, hesitações e pausas – (ex: “UM EXTRA NÉH SE TIVESSE... OUTRA ATIVIDADE ENTENDE”; “É UMA TERAPIA E PASSATEMPO”; “PORQUE O FILÉ A GENTE FAZ FILÉ néh...”; “PORQUE FILÉ É ASSIM...”; “ah:: gostaria assim/ porque filé não dó muito/ assim filé/ num num é uma renda fixa néh...”); c) no nível não verbal: expressão facial de insatisfação e silêncio (ex: “a gente não vai viver também só fazendo bordado... ((parece insatisfeita))”; “((silêncio/pensativa)) assim::... PORQUE O FILÉ A GENTE FAZ FILÉ néh.... o filé néh...”.

Nos trechos anteriormente analisados, várias categorias de análise se mesclaram a todo instante nos discursos das bordadeiras, revelando a depreciação. A entonação, por exemplo, foi aliada às expressões faciais durante as entrevistas. A depreciação no nível sintático é perceptível devido à presença constante de operadores

argumentativos no discurso das bordadeiras, já que elas gostam do filé “mas”, elas fazem filé mas “se” tiver outra atividade, “porque filé não dá muito”. O filé é sempre “mas, se, porque”. Esses operadores contrapõem os argumentos a todo instante e explicam a *tensão* existente em relação à atividade do filé como tradição *versus* trabalho.

A análise revela que uma das causas dessa depreciação é o fato de as bordadeiras valorizarem o trabalho no formato celetista (CLT) em detrimento da atividade de produção e comercialização dos filés, devido ao fato de esta não se constituir como uma renda fixa e não ter perspectivas de futuro, segundo a visão delas, como pode ser comprovado nos seguintes trechos: a) R1: “É uma rendinha a mais pra mim é bom que só porque eu tenho o *meu*”. Nesse trecho R1 considera o filé uma atividade extra, já que ela possui outro trabalho “meu”, no formato CLT; b) R2: “assim filé/ num num é uma *renda fixa* néh”; c) R3: “futuramente a gente tem que *crescer profissionalmente* néh... a gente não vai viver também só *fazendo bordado*”; d) R4: “((o filé)) onde eu tenho uma *rendinha extra*... E É UMA TERAPIA E PASSATEMPO...”; e) R5: “gente fa::z o filé::... mas *não é um futuro*...”. Nesses trechos é perceptível, no âmbito da refração, a desvalorização do filé enquanto atividade profissional pelas bordadeiras que valorizam o trabalho celetista.

As análises realizadas revelam a *apreciação* da atividade do filé como tradição e a *depreciação* do filé como atividade de trabalho pelas bordadeiras da Associação. Essa descoberta é de extrema relevância no âmbito da pesquisa, já que explica o *silenciamento discursivo* observado durante as oficinas de letramento desenvolvidas no projeto de extensão.

QUADRO 4 – Corpus para a análise: atividade do filé como trabalho

PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO E REFRACÇÃO	
ATIVIDADE DO FILÉ COMO TRABALHO: ↓ Materialidade do texto	CATEGORIAS
R1: É uma rendinha a mais pra mim é bom que só porque eu tenho o meu:.... MAS a rendinha dele também é bonzinho ...	a) Nível linguístico – gramatical: Operadores argumentativos: porque, mas/ Qualificadores e índices de avaliação: rendinha, bonzinho (apreciativos).
R2: ah:: gostaria assim/ porque filé não do muito/ assim filé/ num num é uma renda fixa néh... você hoje faz... é por temporada... aí se eu encontrasse assim um um:: trabalho de um um horário só... [...] eu estou realizada... agora eu to falando assim UM EXTRA NÉH SE TIVESSE... OUTRA ATIVIDADE ENTENDE?	a) Nível linguístico – gramatical: Operador argumentativo: porque, se. b) Nível interativo: Informações paralinguísticas (entonação)/ Truncamentos/ hesitações.
R3: olhe... eu não vou dizer a você que eu GOSTO DE FAZER O FILÉ... EU GOSTO DE FAZER O FILÉ... mas assim se eu tiver OUTRA ATIVIDADE... porque assim:: eu acho que:: futuramente a gente tem que crescer profissionalmente néh... a gente não vai viver também só fazendo bordado... ((parece insatisfeita))	a) Nível linguístico – gramatical: Operadores argumentativos: mas, porque, também. b) Nível interativo: Informações paralinguísticas (entonação). c) Nível não verbal: Expressão facial de insatisfação.
R4: ((falando do trabalho do filé))... por que hoje é um meio de sobrevivência néh... onde eu tenho uma rendinha extra... E É UMA TERAPIA E PASSATEMPO...	a) Nível linguístico – gramatical: Operador argumentativo: mas/ Qualificadores e índices de avaliação/léxico: rendinha, terapia, passatempo. b) Nível interativo: Informações paralinguísticas (entonação). c) Nível não verbal: Expressão facial de insatisfação.
R5: ((silêncio/pensativa)) assim::... PORQUE O FILÉ A GENTE FAZ FILÉ néh... o filé néh... eu hoje me arrependo porque eu não terminei os meus estudos... porque eu poderia ter feito uma coisa melhor pra mim... PORQUE FILÉ É ASSIM... quer que eu seja sincero? ...a gente fa::z o filé::... mas não é um futuro...	a) Nível linguístico – gramatical: Operadores argumentativos: porque, mas, quer. Léxico: coisa melhor, futuro, sincero. b) Nível interativo: Informações paralinguísticas (entonação). c) Nível não verbal: Silêncio.

Potenciais de trabalho na Associação

A partir da análise dos dados, observou-se a circulação de uma *visão depreciativa da atividade do filé* como um campo de trabalho. Esse conteúdo depreciativo revela a supervalorização que as associadas destinam ao trabalho celetista. Ocorre que esse apreço pelo modelo de trabalho tem impedido que as mulheres olhem para outras realidades que surgem a partir do trabalho com o bordado. Atualmente, na esfera comercial da moda e da indústria têxtil, tem-se notado um crescente interesse pelas produções e criações locais.

A própria Associação das Mulheres Bordadeiras do Pontal realizou uma parceria com a grife Cantão, reconhecida por desfilarmos em eventos de notório reconhecimento nacional e internacional, como o São Paulo Fashion Week. A grife fez a parceria visando agregar valor a seus produtos com a aplicação do filé em várias peças de sua coleção, tais como roupas, calçados, bolsas, acessórios etc.

A realização de uma breve pesquisa na internet sobre o filé alagoano possibilita-nos a comprovação da valorização do bordado não somente pela Cantão, mas também por outras grifes. Isso pode ser comprovado através da observação do Quadro 5, que contém alguns títulos de postagens sobre esse assunto na internet:

QUADRO 5 – Títulos de postagens sobre parcerias com o filé alagoano

<p>Estilistas de grife nacional vêm a Maceió pesquisar bordado filé</p> <p>Disponível em: <http://WWW.alagoas24horas>. Acesso em 01/12/2014.</p>
<p>O filé que conquistou a Cantão</p> <p>Disponível em: <https://gicellando.wordpress.com/2013/07/02/o-file-que-conquistou-a-cantao/>. Acesso em 01/12/2014.</p>
<p>Cantão cria coleção em parceria com rendeiras alagoanas</p> <p>Disponível em: <http://finissimo.com.br/2013/08/30/cantao-apresenta-colecao-em-parceria-com-rendeiras-alagoanas/>. Acesso em 01/12/2014.</p>
<p>Parceria entre rendeiras do filé e Cantão é sucesso no Brasil</p> <p>Disponível em: <http://WWW.tribelas.com.br/noticias/1380/estilo/2013/12/04/Parceria-entre-rendeiras-do-file-e-canta0-e-sucesso-no-brasil.html>. Acesso em: 01/12/2014.</p>
<p>Grife Cantão lança coleção para o Verão 2014 inspirada no filé alagoano</p> <p>Disponível em: <http://alagoasboreal.com.br/noticia/102/estilo-e-comportamento/grife-cantao-lanca-colecao-para-o-verao-2014-inspirada-no-file-a-la-goano> Acesso em: 01/12/2014.</p>
<p>Círculo, Cantão e renda filé... Uma combinação que deu (super) certo!</p> <p>Disponível em: <http://www.circulo.com.br/blog/parceria-circulo-e-cantao/http://www.circulo.com.br/blog/parceria-circulo-e-cantao/>. Acesso em: 01/12/2014.</p>
<p>Cantão promove o bordado filé em desfile no Trend House.</p> <p>Disponível em: <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/maceio/2013/08/16/261321/cantao-lanca-colecao-do-file-alagoano-no-trend-house>. Acesso em: 01/12/2014.</p>
<p>Coleção de grife com o filé chega a mais de mil lojas</p> <p>Disponível em: <http://www.alagoasnet.com.br/v3/colecao-de-grife-com-o-file-chega-a-mais-de-mil-lojas/>. Acesso em: 01/12/2014.</p>

Observando os fragmentos das postagens acima e, sobretudo, a notícia na íntegra, nota-se o quanto essas grifes, principalmente a Cantão, valorizam e se interessam pelo trabalho das bordadeiras. Essa parceria poderia representar a possibilidade de mudança da realidade através do surgimento de novos contextos de trabalho

para o grupo, de crescimento profissional e, consequentemente, de maior produtividade e lucratividade. Enfim, novas possibilidades de comercialização de sua matéria-prima – o filé – que beneficiariam a todas as integrantes da Associação.

Porém, a visão depreciativa da atividade por parte das integrantes reforça a lógica capitalista de mercado e contribui para a alienação do potencial de trabalho das bordadeiras. Verifica-se, então, a ocorrência do seguinte processo citado por Faraco:

As vontades de poder tentarão sempre estancar, por gestos centrípetos, aquele movimento (centrífugo): tentarão impor uma das verdades sociais (a sua) como verdade; tentarão submeter a heterogeneidade discursiva (controlar a multidão de discursos); monologizar (dar a última palavra); tornar o signo monovalente (deter a dispersão semântica); finalizar o diálogo (FARACO, 2006, p. 52).

Dessa forma, a visão depreciativa da atividade profissional do filé, por parte das rendeiras, colabora para manter o caráter monológico do discurso capitalista, pois, no avesso dessa história, existem grandes marcas explorando mão de obra barata. As mulheres atuam, nessa relação capitalista, como força produtiva a baixo custo e, seus produtos, por elas depreciados, são valorizados pela Associação e pelas grifes que os comercializam no mercado e geram altos lucros.

Vale ressaltar, ainda, que as bordadeiras valorizam o trabalho no formato celetista em detrimento da atividade com o filé, porém elas não possuem formação adequada. Logo, dificilmente conseguirão melhores oportunidades de trabalho. Entretanto, as bordadeiras já possuem uma matéria-prima que pode levá-las à ascensão profissional, porém elas ainda não possuem essa percepção. Nota-se que há um problema instaurado na Associação quanto à educação linguística, visto haver o entendimento, por parte de algumas, de que a linguagem não é apenas entidade

linguística, mas também entidade política e social, o que pode contribuir para a instauração de mudanças. Via letramento é possível resgatar o senso crítico das bordadeiras.

Esta pesquisa buscou, como objetivo geral, resgatar a voz das bordadeiras e reconstruir a sua história local, trazendo-lhes a noção de identidade e de coletividade por meio da escuta de suas vozes. Como objetivos específicos, buscou-se, por meio de uma abordagem etnográfica, a) ouvir e registrar as narrativas de vida das mulheres da Associação; b) reconstruir a história local; c) resgatar a identidade do bairro.

Os resultados obtidos contribuem de forma significativa para compreendermos um pouco melhor o *silenciamento discursivo* observado durante as oficinas de letramento, desenvolvidas na fase inicial do projeto de extensão, a partir das valorações *apreciativas* do filé como tradição e *depreciativas* da atividade do filé como trabalho pelas bordadeiras.

Esta pesquisa foi de extrema relevância para a segunda fase do projeto de extensão, na medida em que apresenta novos elementos que nos possibilita em compreender esse silenciamento e, sobretudo, nos traz em respostas para as representações do filé para as associadas. Dessa maneira, podemos assumir, na segunda etapa do projeto de extensão, outros lugares enunciativos, discursivos e ideológicos em relação à nova etapa do projeto extensionista que será desenvolvido na comunidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. VOLOSHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. Tradução de Michael Lahud. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995 [1929].

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. 2. ed. Curitiba: Edições Criar, 2006.

FRITZEN, Maristela Pereira; LUCENA, Maria Inêz Probst. **O olhar da etnografia em contextos educacionais**: interpretando práticas de linguagem. Blumenau: Edifurb, 2012.

LEIS da refração. **Só física**. Disponível em: <http://www.sofisica.com.br/conteudos/Otica/Refracaodaluz/leis_de_refracao.php>. Acesso em: 27. nov. 2014.

Fontes

CANTÃO promove o bordado filé em desfile no Trend House. **Tudo na Hora**. Maceió, AL, 18 ago. 2013. Disponível em: <<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/maceio/2013/08/16/261321/cantao-lanca-colecao-do-file-alagoano-no-trend-house>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

CÍRCULO, Cantão e renda filé... Uma combinação que deu (super) certo!. **Círculo**. Florianópolis, SC, 13 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.circulo.com.br/blog/parceria-circulo-e-cantao/>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

ESTILISTAS de grife nacional vêm a Maceió pesquisar bordado filé. Maceió, AL, 04 fev. 2013. **Alagoas 24 horas**. Disponível em: <<http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vCod=141502>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

FARIAS, Flávia. O filé que conquistou a Cantão. Maceió, AL, 02 jul. 2013. **Gricellando**. Disponível em: <<https://gicellando.wordpress.com/2013/07/02/o-file-que-conquistou-a-cantao/>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

GONÇALVES, Maurício. Coleção de grife com o filé chega a mais de mil lojas. **Alagoas na net**. Maceió, AL, 27 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.alagoasnanet.com.br/v3/colecao-de-grife-com-o-file-chega-a-mais-de-mil-lojas/>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

GONÇALVES, Maurício. GRIFE Cantão lança coleção para o Verão 2014 inspirada no filé alagoano. Maceió, AL, 01 jul. 2013. **Alagoas Boreal**. Disponível em: <<http://alagoasboreal.com.br/noticia/102/estilo-e-comportamento/grife-cantao-lanca-colecao-para-o-verao-2014-inspirada-no-file-alagoano>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

NEMOV, Wilson. Cantão cria coleção em parceria com rendeiras alagoanas. **Finíssimo**. Brasília, DF, 30. ago. 2013. Disponível em: <<http://finissimo.com.br/2013/08/30/cantao-apresenta-colecao-em-parceria-com-rendeiras-alagoanas/>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

PARCERIA entre rendeiras do filé e Cantão é sucesso no Brasil. Maceió, AL, 04 dez. 2013. **Tribelas**. Disponível em: <<http://www.tribelas.com.br/noticia/1380/estilo/2013/12/04/parceria-entre-rendeiras-do-file-e-cantao-e-sucesso-no-brasil.html>>. Acesso em: 01. dez. 2014.

IMPrensa UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA